Gerir para lucrar! O ensino universitário de administração e a possibilidade de construção de novos mundos

Igor Vinicius Lima Valentim

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1348>

DOI: 10.4000/eces.1348

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Referência eletrónica

Igor Vinicius Lima Valentim, « Gerir para lucrar! O ensino universitário de administração e a possibilidade de construção de novos mundos », *e-cadernos CES* [Online], 02 | 2008, colocado online no dia 01 dezembro 2008, consultado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1348> ; DOI : 10.4000/eces.1348

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

Gerir para lucrar! O ensino universitário de administração e a possibilidade de construção de novos mundos

Igor Vinicius Lima Valentim

1. Introdução

- 1 A lógica capitalista vigente toma como princípios, dentre outros, o desenvolvimento tecno-científico, o crescimento econômico contínuo, o consumo desenfreado, a mercantilização de todas as esferas das sociedades e a acumulação do capital irrestrita. Em um mundo dominado em grande parte por essa lógica, em prol do deleite de alguns, destrói-se a vida de muitos e também o próprio planeta do qual somos parte.
- 2 A cada dia torna-se mais visível o abismo entre aqueles que de fato desfrutam das inúmeras ‘maravilhas’ prontas para o consumo ao redor do planeta e os que não têm condições para ‘aproveitá-las’. Não podemos deixar de mencionar que atualmente estão incluídas nessas ‘maravilhas’ o próprio direito à alimentação e aos cuidados com a saúde.
- 3 Esse abismo social, constituído não apenas por diferenças mas por diversas injustiças, deixa progressivamente de ser característico de países considerados ‘em desenvolvimento’ e está presente hoje mesmo naqueles tidos como ‘desenvolvidos’. Passo a passo, assistimos a um quadro no qual, para que os indivíduos ‘mereçam’ viver, eles devem ser considerados úteis à sociedade ou “pelo menos àquela parte que a administra e domina: a economia” (Forrester, 1997: 13).
- 4 Nesse cenário, concordamos com Lazzarato (2006: 150) quando este afirma que hoje, o desemprego e a pobreza “não podem mais ser qualificados pela falta de trabalho (de emprego)”, mas sim devem ser entendidos como “mecanismos de destruição da cooperação entre cérebros, que atacam as condições subjetivas do processo social da diferença e repetição”.

- 5 No Brasil, em meio a um contexto de altos níveis de desemprego e injustiças sociais é possível perceber, desde a década de 1990, o crescimento da chamada Economia Solidária (ES). Representando formas múltiplas e diferentes de sobrevivência para uma significativa parcela da população, consideramos que estão incluídas em seu escopo iniciativas como diversas associações e cooperativas: organizações baseadas, em tese, em valores como o igualitarismo, a cooperação e a solidariedade (Singer, 2002).
- 6 Entretanto, esses empreendimentos enfrentam múltiplos desafios à sua consolidação, em especial por buscar valores que batem de frente com aqueles nos quais se baseiam os princípios capitalistas. Não obstante, em grande parte delas, encontra-se uma relativa carência quanto a conhecimentos técnicos, inclusive àqueles relativos à administração dos empreendimentos e, simultaneamente, a uma gestão que não os afaste de seus pressupostos básicos.
- 7 Concomitantemente, os cursos universitários formadores dos chamados ‘administradores’ preparam cada vez mais profissionais voltados para o ‘mercado’, o mesmo mercado individualista e selvagem que prega valores criadores e aprofundadores da miséria, da competição e de injustiças sociais.
- 8 A realidade da maioria dos cursos superiores em Administração, em especial no Brasil, parece cada vez mais apontar na direção de ‘um tiro no próprio pé’: formam cada vez mais pessoas prontas para reforçar o discurso prescritivo e naturalizador capitalista, para utilizar as ferramentas importadas das ‘melhores’ escolas de negócio do mundo e, portanto, jovens prontos para serem ‘moldados’ por grandes multinacionais por meio das diversas técnicas de Gestão dos Recursos Humanos, como por exemplo os concorridos programas de trainee, aprofundando cada vez mais injustiças sociais e levando a cabo uma ordem destruidora da convivência humana.
- 9 Em território nacional, na maioria esmagadora dos cursos universitários em Administração, o aluno não é apresentado a quase nada que não sejam teorias importadas que englobam ferramentas e técnicas para reproduzir o sistema capitalista e ‘alimentar suas engrenagens’ (basta citar o caso da gestão estratégica e das falácias do empreendedorismo).
- 10 Em suma, esses cursos preparam para a ‘repetição’ e não para a invenção, de acordo com os conceitos de Lazzarato (2006). São ainda muitíssimo poucos aqueles cursos que incluem em suas grades curriculares disciplinas, seminários e/ou espaços de discussão que questionem criticamente que tipo de sociedades estão construindo ou irão construir com os conhecimentos ali divulgados.
- 11 Tão raros quanto esses, são aqueles cursos que apresentam aos alunos, durante os quatro ou cinco anos de graduação, informações, vivências e experiências relativas a iniciativas consideradas ‘alternativas’ às das empresas privadas, como algumas pertencentes à ES.
- 12 Façamos uma reflexão: Qual a finalidade dos cursos universitários em Administração no contexto da sociedade contemporânea? Aos interesses de quem estes cursos, em sua maioria, atendem? Qual (is) o(s) tipo (s) de sociedade que eles estão ajudando a construir?
- 13 A partir das questões supra mencionadas, bem como de outras inquietações, este artigo apresenta a experiência da Residência Solidária, um projeto de extensão realizado na Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EA/ UFRGS) que, em seu primeiro módulo, englobou a atuação de onze alunos de graduação, mestrado e doutorado em Administração da mesma escola em iniciativas de Economia Solidária.

- 14 Para atingir nosso objetivo com este artigo – o qual reside não apenas em disseminar a experiência realizada, mas também em analisá-la de forma crítica – refletimos sobre alguns pontos que contribuíram positiva ou negativamente para o desenrolar da experiência de acordo com os objetivos do projeto, principalmente quanto àquele da transformação social.
- 15 Analisamos, por fim, em que medida projetos como a Residência Solidária podem contribuir para o estímulo à inovação e invenção de novos mundos possíveis (Lazzarato, 2006). Eles poderiam contribuir para a transformação social e a superação da lógica atualmente dominante? Para a criação de novos mundos? Em que medida podem servir de janela e de espaços de criação, de invenção e/ou de abertura à multiplicidade?

2. A experiência da residência solidária no ensino universitário de administração na UFRGS

- 16 Para que possamos compreender a Residência Solidária nos termos em que foi desenvolvida na EA/ UFRGS, faz-se importante o resgate das origens do termo. Ao pesquisarmos sobre programas com traços comuns, verificamos a existência da 'Residência em Justiça Social' (do inglês Social Justice Residence Program – SJRP) em uma Universidade americana sediada em Washington.
- 17 Em solo brasileiro, sua experiência pioneira foi realizada sob o nome de 'Residência Social[®]', na Universidade Federal da Bahia (UFBA). É imprescindível ressaltar que 'Residência Social' é uma marca registrada desde o dia 07 de Novembro de 2003, junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), e pertencente à professora da citada instituição, Tania Maria Diererichs Fischer.
- 18 Conforme Fischer e Melo (2003), o modelo teórico da Residência Social representa a aplicação de um modelo teórico construído, por meio de cursos de extensão, pós-graduação e graduação, com ênfase na atividade prática dos estudantes em organizações sociais.
- 19 Já de acordo com Comunicarte (2004), a Residência Social fundamenta-se no conceito de residência médica, na qual o formando de medicina tem a oportunidade de aprimorar e consolidar os conhecimentos adquiridos, por meio da atividade prática supervisionada. Desta forma, a residência implica que uma parte da formação ou capacitação do residente se realize no próprio ambiente em que se desenvolve o projeto social, propiciando um mergulho profundo no contexto sócio-econômico, cultural e ético-político que o envolve.
- 20 Inspirada nos conceitos supra apresentados, em Abril de 2004 começou a ser desenhado de forma concreta um projeto semelhante no âmbito da EA/ UFRGS, mas apoiado também na vertente da solidariedade, julgada por nós como um valor fundamental para a transformação da situação contemporânea. Devido a esse pressuposto e também ao registro da marca 'Residência Social', adotamos a nomenclatura de 'Residência Solidária'.
- 21 Em linhas gerais, a Residência Solidária na EA/UFRGS, institucionalizada como um projeto de extensão, apresentava três objetivos básicos:
- a. tentar contribuir para a consolidação de empreendimentos solidários através da troca de alguns conhecimentos técnicos relativos à área da gestão e da construção conjunta (entre alunos e os integrantes dos empreendimentos) de outros;
 - b. reafirmar o compromisso social da universidade, em especial da universidade pública;

- c. criar um espaço dentro da universidade pública no qual fosse possível que estudantes de Administração pudessem ter contato direto e vivencial com a complexidade de empreendimentos solidários.
- 22 O terceiro objetivo supra mencionado merece uma maior atenção tendo em vista o objetivo deste trabalho. Sentíamos a necessidade da criação de um espaço no qual pudesse ser estimulada a reflexão e a construção conjunta de conhecimentos na área da Gestão Social e da Economia Solidária (ES), tendo em vista que esses conteúdos encontram-se, em grande parte, ausentes dos currículos dos cursos universitários em Administração.
- 23 Simultaneamente, os ensinamentos provenientes da 'ciência administrativa' não se mostravam, em sua maioria, adequados nem para serem usados em organizações com valores diferenciados das tradicionais corporações capitalistas, nem para a construção de uma sociedade mais justa. Nesse sentido, Faria (2004: 19) nos lembra que a ideologia da gestão capitalista, também chamada de teoria gerencialista, constitui-se no fundamento do sistema de idéias que, ao mesmo tempo, reproduz a lógica de dominação do capital sobre o trabalho e oferece suporte 'científico' para legitimar as ações decorrentes de tal lógica.
- 24 Conseqüentemente, a Residência possuía a intenção clara de estimular possíveis transformações sociais. Ao fazer com que os alunos de graduação, mestrado e doutorado em Administração atuassem em empreendimentos de ES, buscou-se que eles pudessem refletir sobre a necessidade de outros tipos de gestão, além de se sensibilizarem para com a necessidade de um olhar crítico sobre o conteúdo que o próprio curso universitário os estimulava a aprender e utilizar.
- 25 O primeiro módulo da Residência Solidária EA/ UFRGS (Carrion *et. al*, 2006) focou sua atuação de campo em cinco organizações de ES localizadas na região metropolitana de Porto Alegre, sendo duas associações de reciclagem de resíduos sólidos e três cooperativas de metalurgia. O programa contou com a participação de onze estudantes da Escola de Administração da UFRGS – graduandos, mestrandos e doutorandos.
- 26 Devido à preocupação inicial de que o programa fosse uma construção conjunta em suas diversas etapas, a escolha dos setores de atuação não ocorreu por acaso, e sim através da reflexão junto a duas ONGs parceiras da universidade (CAMP e ADS).
- 27 As atividades da Residência foram desenvolvidas por meio da realização de visitas semanais aos empreendimentos, nas quais os residentes atuavam em duplas. Em cada uma das cinco organizações parceiras foi desenvolvido, de forma conjunta entre seus integrantes e os residentes, um projeto específico que apontou necessidades de atuação em áreas diversas. Havia, como dito anteriormente, a preocupação de que o conhecimento fosse construído de forma conjunta, e por isso rechaçamos a idéia de utilizar um plano de atuação em campo único para todos os empreendimentos.
- 28 Cada visita da dupla de residentes era seguida pela redação de um relato por escrito, incumbido de retratar os detalhes da situação vivenciada para um maior aprofundamento e posterior análise com todo o grupo do projeto nas reuniões quinzenais de acompanhamento. Esta consolidação da experiência foi particularmente importante para, entre outros aspectos, a constante avaliação do andamento do programa.
- 29 Nas mencionadas reuniões de acompanhamento participavam todos os residentes juntamente com os coordenadores do projeto e, nestes encontros, tínhamos como principal objetivo o debate das experiências vivenciadas. A partir deste, buscávamos a

valorização das semelhanças e diferenças, a potencialização do aprendizado proveniente da prática e a busca da construção conjunta dos conhecimentos.

- 30 Ainda que nenhum dos participantes fosse remunerado financeiramente (contavam apenas com uma ajuda de custos para os deslocamentos até os empreendimentos), buscou-se reforçar a importância de compreender o projeto como um processo de troca e aprendizado mútuo, para todas as partes, rejeitando veemente qualquer rótulo ou caráter voluntário-assistencialista.
- 31 A Residência Solidária da EA/ UFRGS incluiu ainda a criação de um espaço de articulação entre todos os atores envolvidos (ONGs, associações, cooperativas e universidade). Fruto deste espaço foi organizado um encontro com estes diversos atores sociais, com o objetivo de debater problemas comuns, possíveis soluções, e também a avaliação do próprio andamento do programa, aproximando universidade e terceiro setor. Mais uma vez a troca com os parceiros se mostrou fator fundamental.
- 32 A Residência Solidária realizada na EA/ UFRGS se constituiu, durante seu primeiro módulo, como supramencionado, em uma metodologia que não se propôs, desde seu início, a ter planos de atuação pré-elaborados para os empreendimentos com os quais formou parcerias, mas sim a desenvolver, por meio de uma construção conjunta com os diversos atores sociais, tanto seus objetivos específicos de atuação, quanto seu conteúdo e forma de condução do trabalho de campo dos residentes.
- 33 Os residentes não foram avaliados por provas nem trabalhos finais e também não receberam qualquer tipo de nota pela atuação, embora ao final da atividade tenham sido solicitados dois relatórios dos participantes: um relatório individual sobre as experiências vivenciadas e as opiniões sobre a participação, e um relatório de cada dupla de residentes sobre a atuação específica da dupla no campo.
- 34 Os residentes tiveram ainda a possibilidade de 'converter' as horas dedicadas ao projeto em créditos correspondentes a uma disciplina eletiva. As avaliações do projeto transcorreram informalmente durante o decorrer do trabalho de campo e se basearam em opiniões, debates e discussões durante as reuniões de grupo. O primeiro módulo da Residência Solidária realizada na EA/ UFRGS se encerrou em Dezembro de 2004 e, até junho de 2007, não havia notícia sobre o início de outra edição na mesma universidade.

3. Algumas considerações sobre a residência solidária realizada

- 35 Não podemos deixar de refletir sobre alguns pontos que chamaram a nossa atenção durante o transcorrer do primeiro módulo da Residência Solidária realizada na EA/ UFRGS e que, simultaneamente contribuíram positiva e/ ou negativamente para o desenrolar da experiência de acordo com os objetivos do projeto, principalmente quanto àquele da transformação social.
- 36 Em próximas edições do projeto, seja na própria UFRGS ou em qualquer outra possível re-aplicação em demais universidades, para que se busque um nível mais significativo de construção conjunta de conhecimentos, de reflexão crítica e de contribuição social, o projeto deve possuir caráter interdisciplinar. Em outras palavras, ele deve envolver alunos e professores não apenas da Administração, mas também de outras áreas do conhecimento, já que foi percebido nitidamente nos trabalhos de campo que os

conhecimentos de Gestão Social, ainda que importantes, não são suficientes para dar conta da complexidade das situações vividas.

- 37 É fundamental mencionar que um dos pontos mais ressaltados pelos participantes em seus relatos sobre o projeto foi acerca da possibilidade que tiveram em construir conhecimentos a partir das vivências durante a Residência: saberes não-formais, aprendidos na prática, fora dos muros universitários, por meio do contato com histórias de vida marcadas por lutas, dificuldades, reivindicações e organizações coletivas.
- 38 Por um lado notamos, principalmente entre os alunos da graduação, certa desmistificação em relação às organizações de Economia Solidária. Ao observarem suas dinâmicas e participarem de seus cotidianos, alguns deles consideraram que as relações de solidariedade e de luta contra a lógica capitalista revelam-se, em certos momentos, um pouco menos ideológicas do que antes imaginavam.
- 39 Por outro lado, foi justamente a partir da desmistificação supra mencionada que se propuseram reflexões e questões interessantes, algumas delas debatidas durante as reuniões de acompanhamento, ao final do primeiro módulo do projeto ou ainda levantadas pelos residentes junto aos empreendimentos nos quais atuaram: como deve ser a atuação em uma organização que precisa suprir necessidades humanas inadiáveis como a fome e, concomitantemente, buscar o igualitarismo e a primazia do humano frente ao econômico, se esta organização está inserida em um contexto capitalista? Devem ser utilizadas as teorias e ferramentas ‘administrativas’ aprendidas nos cursos universitários de Administração para administrar essas organizações? Em que medida esses conhecimentos formais contribuem para o agravamento das situações vivenciadas? Como construir uma sociedade mais justa? Qual o papel do aluno de uma universidade pública neste contexto?

4. A residência solidária realizada na EA/UFRGS e a construção de novos mundos possíveis

- 40 Ao observarmos a dinâmica contemporânea nos apoiamos, em grande medida, na idéia de que invertendo a definição de Marx, poderíamos dizer: o capitalismo não é um modo de produção, mas uma produção de mundos. O capitalismo é uma afetação. A expressão e a efetuação dos mundos e das subjetividades neles inseridas, a criação e realização do sensível (desejos, crenças, inteligências) antecede a produção econômica. A guerra econômica travada em nível planetário é assim uma guerra estética, sob vários aspectos (Lazzarato, 2006: 100).
- 41 Acreditamos que a atividade de cooperação dos cérebros não é mais necessariamente especializada, nem intelectual. A dinâmica da cooperação dos cérebros pode até mesmo ser bloqueada e capturada por algo que se apresente como ‘trabalho intelectual’: nada mais distante da livre cooperação entre os cérebros do que a instituição universitária, com suas hierarquias, seus mecanismos de reprodução, suas barreiras contra as bifurcações, os desvios e as invenções (Lazzarato, 2006:124).
- 42 É fato que a Residência não representou uma ruptura radical imediata com o sistema educacional instaurado, foi uma experiência caracterizada dentro do âmbito da educação formal e, em uma leitura mais radical, pode ser entendida por alguns como uma ferramenta representante de reparos institucionais formais ‘passo a passo’, ou da

remoção de ‘defeitos específicos’, já que incorporaria ao ensino universitário da Administração um espaço de crítica social e reflexão, em grande parte ausente.

- 43 Entretanto, limitar o caráter de toda e qualquer ação educativa institucionalizada ou formal a uma mera correção menor, e enxergar uma completa impossibilidade em que se rompa com a lógica do capital dentro dessas instituições parece ser uma premissa, por si só, frustrante para qualquer mudança aspirada. Seria uma completa limitação prévia ao devir, às possibilidades múltiplas, aos acontecimentos.
- 44 Não objetivamos remover defeitos específicos do curso universitário (representante da educação formal) ao criar os espaços de ação/ reflexão/ efetuação mencionados: entendemos e buscamos a necessidade da presença desses espaços não como um fim, mas sim como um meio de uma ou de múltiplas possíveis construções de novas e talvez ainda impensadas alternativas de emancipação e mobilização.
- 45 Acreditamos que esses espaços devam ser um meio para as possíveis reivindicações e mesmo invenções de novos sistemas, novas estruturas, novas subjetividades e/ ou novas formas de convivência mais humanas. Nos inspiramos, entre outras, em algumas palavras de Guattari (1990: 33) quando este afirma que “longe de buscar um consenso cretinizante e infantilizante, a questão será, no futuro a de cultivar o dissenso e a produção singular de existência”.
- 46 Tão pouco podemos considerar que, ao menos no plano das intenções, a Residência realizada tenha buscado tanta conformidade ou consenso quanto possível. Um dos maiores estímulos em realizá-la foi justamente o de dar vazão a pensamentos que navegassem em outros rios que não aqueles costumeiramente simbolizadores do ensino universitário da Administração. Não foram elaborados ‘manuais para entrada em campo’ dos residentes, nem tão pouco eles buscaram analisar demandas ou pontos específicos previamente determinados.
- 47 A liberdade na construção conjunta de projetos com os empreendimentos participantes e o estímulo a que essas demandas tomassem corpo não a partir de pedidos, mas de reflexões coletivas, foi uma tentativa com o intuito de que a criatividade e a liberdade pudessem estar presentes e contribuir na busca e na elaboração de alternativas não pensadas previamente.
- 48 Objetivamos que, ao invés de procurar resolver problemas já apontados, com soluções prescritivas e quase prontas de antemão, pudessem ser pensados em novos problemas, novas respostas e novas idéias. Como diria Lazzarato (2006: 13-4), “efetuar os possíveis que o acontecimento faz emergir é portanto abrir um outro processo imprevisível, arriscado, não antecipado” onde um acontecimento não é a solução de problemas, mas “a abertura de possíveis”.
- 49 Tentamos com a Residência Solidária de alguma forma estimular, trazer à tona ou ao menos dar voz a diversas inquietações como àquelas mencionadas anteriormente (sobre o papel do aluno de Administração nas sociedades contemporâneas, sobre o uso das ‘teorias administrativas’ em organizações pautadas por valores diferentes da lógica dominante, entre outras).
- 50 Na medida em que algumas delas permearam conversas entre os residentes e os membros dos empreendimentos parceiros, constatamos que houve ao menos algumas possibilidades, tanto para os residentes quanto para os membros das organizações, de refletirem criticamente sobre seus cotidianos e sobre os significados do (s) trabalho (s).

- 51 Alguns residentes afirmaram ter sido possível notar mudanças, ainda que pequenas, no comportamento dos integrantes dos empreendimentos. Notamos poucas, mas algumas diferenças no comportamento dos participantes no curto período de seis meses de realização do primeiro módulo da Residência.
- 52 Compreendemos que, embora extremamente difíceis, transformações sociais podem ocorrer, ainda que não exclusivamente, a partir de micro mudanças, as quais por vezes passam despercebidas ao olhar desavisado, mas podem carregar valores inestimáveis e serem a faísca necessária para outras reflexões, acerca de outros campos de significação e base para possíveis ações práticas e efetuações de possíveis.
- 53 No sentido supra mencionado, fazemos das nossas as palavras de Guattari (1990: 55-6), quando este afirma que:
- a reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos. Assim, toda uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos.
- 54 Buscou-se a valorização, a troca, e a construção de conhecimentos com aqueles que tradicionalmente são encarados pela universidade como carentes, excluídos e dignos de pena. Ou, numa versão contemporânea, como consumidores do saber ‘científico’ e não como seus produtores ou co-produtores. Buscamos aprender com eles.
- 55 Concordamos que as sociedades contemporâneas, em grande medida, assim como as sociedades de controle descritas por Lazzarato (2006: 101), são caracterizadas pela multiplicação da oferta de ‘mundos’ (de consumo, de informação, de trabalho, de lazer), mas mundos “lisos, banais, formatados, porque são mundos da maioria, vazios de toda singularidade:
- diante desses mundos normalizados, nossa ‘liberdade’ é exercida exclusivamente para escolher dentre possíveis que outros instituíram e conceberam. Ficamos sem o direito de participar da construção dos mundos, de formular problemas e de inventar soluções, a não ser no interior de alternativas já estabelecidas (Lazzarato, 2006: 101-2).
- 56 Se por um lado, a Residência pode ser compreendida por alguns como uma ampliação da ‘oferta de mundos’ dentro do curso universitário de Administração, acreditamos que foi e é fundamental levantarmos sempre a bandeira e termos em mente a preocupação de que o ‘mundo da Economia Solidária’, por exemplo, engloba apenas algumas efetuações das infinitas possíveis. Alertar isso aos residentes e propagar essas reflexões por onde quer que se passe, já se mostrou um começo.
- 57 Após a realização deste primeiro módulo da Residência, mais do que nunca concordamos com Guattari (1990: 43) que, de fato, uma “imensa reconstrução das engrenagens sociais” é necessária para fazer face aos “destroços” do capitalismo contemporâneo. E pudemos perceber que:
- essa reconstrução passa menos por reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos do que pela promoção de práticas inovadoras, centradas no respeito à singularidade, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade (Guattari, 1990: 43-4).
- 58 Nesse sentido, acreditamos que embora seja uma tarefa muito difícil, projetos como a Residência podem, sim, estimular a reflexão e o pensamento crítico dentre os participantes e, conseqüentemente, a criação e efetivação de novos possíveis. Não obstante, a Residência não pretendeu induzir um conformismo generalizado em

determinados modos de internalização, mas sim a tentativa de valorizar outros, estimulando a busca por aprendizagens fora do lócus universitário formal e baseadas nas trocas sobre vivências, lutas, mobilizações e histórias de vida.

- 59 Devemos mencionar também que o fato de não ter sido realizado mais nenhum módulo da Residência na EA/ UFRGS desde o fim do primeiro (Dezembro de 2004) até o junho de 2007, traz algumas reflexões para este artigo. Se por um lado existiu toda o esforço mencionado neste artigo para a realização do primeiro módulo, ele não se mostrou suficiente por si só para garantir a sequência dos trabalhos durante praticamente três anos.
- 60 Dentre algumas justificativas para a descontinuidade, como a falta de maior reconhecimento dos programas de extensão por parte das agências avaliadoras nacionais, ou a grande e intensa dedicação exigida para ‘fazer o programa acontecer’, em boa parte elas traduzem de forma clara a dificuldade que é ‘remar contra a maré’.
- 61 Parece ser preciso grande humildade, vontade efetiva de buscar os objetivos pretendidos e capacidade de conviver com frustrações para atuar no sentido da mudança se objetivamos uma sociedade pautada por valores diferentes daqueles que lógica capitalista dominante tenta permanentemente naturalizar como ‘humanos’ e ‘sociais’. Nas sábias palavras de Roberto Freire:
- É difícil entender, logicamente, como pôde o ser humano, aparentemente o melhor adaptado ecologicamente às condições físicas da Terra em relação aos demais seres vivos de seu ecossistema, ter-se tornado o animal predador por excelência, o mais irresponsável de todos quanto à sua própria sobrevivência como espécie (Freire, 1992: 49).
- 62 Mesmo com todas as dificuldades consideramos, numa perspectiva micro, que o papel do curso universitário em Administração e, numa perspectiva macro, que o papel da própria universidade, e em especial da universidade pública, não podem estar restritos a simplesmente alimentar as engrenagens que contribuem para a transformação cada vez mais progressiva da convivência social em desumana.
- 63 Esperamos que, nesse sentido, possam surgir outras Residências, outras iniciativas de outros nomes (preferencialmente não patenteados já que concordamos com Lazzarato (2006: 125) quando este afirma que “a propriedade intelectual tem [...] uma função política, já que determina quem tem o direito de criar e quem tem o dever de reproduzir”), com outras idéias, perspectivas e metodologias ainda não pensadas, mas comprometidas com uma convivência mais harmoniosa, menos injusta, menos utilitarista e cruel.
- 64 É fundamental salientar que nossa intenção não é a de formar heróis ou resolver instantaneamente problemas sociais e dilemas enfrentadas pela universidade hoje. Também não consideramos que programas como a Residência Solidária sejam uma espécie de milagre para a educação universitária ou para as crises gravíssimas que nossas sociedades atravessam na contemporaneidade, afinal tentamos apontar diversas dificuldades e pontos contraditórios no desenrolar da experiência.
- 65 Entretanto, ao clamar pela necessidade de programas como o apresentado neste artigo, estaremos ao menos em um caminho de formação de profissionais mais sensíveis, colocando as universidades e a comunidade acadêmica – especialmente no que tange os cursos de Administração – em uma posição de minimamente ter espaços de abertura ao novo, com vistas a necessárias transformações sociais.

- 66 Mostra-se necessário que não apenas sejam criadas novas alternativas educacionais mas especialmente que os próprios conhecimentos sejam construídos e criados coletivamente, entre professores, alunos, organizações parceiras e afins.
- 67 Para superar as atuais crises planetárias, inclusive a de convivência para com o próximo, parece-nos fundamental que exista um real engajamento em prol de mudanças não apenas nas práticas, mas nas próprias significações do que entendemos por educação universitária, sua finalidade e de nossos papéis nesses sistemas. Isto, claro, se desejarmos construir sociedades mais pacíficas, amorosas e humanas.
-

BIBLIOGRAFIA

Carrión, Rosinha Machado (Org.) (2006), *Residência Solidária UFRGS: vivência de universitários com o desenvolvimento de uma tecnologia social*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Comunicarte – Agência de Responsabilidade Social. Disponível em: <http://www.comunicarte.com.br/conceitos.html>. Acedido em 7 de Março 3 de 2004.

Fischer, Tania e Melo, Vanessa Paternostro (2003), “Gestão Social do Desenvolvimento e Interorganizações”, in *Colóquio Internacional sobre Poder Local, IX, 2003*, Salvador. Anais... Salvador: NEPOL/UFBA.

Forrester, Viviane (1997), *O Horror Econômico*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Freire, Roberto (1992), *A Farsa Ecológica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. Guattari, Félix (1990), *As três ecologias*. Campinas: Papirus.

Lazzarato, Maurizio (2006), *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Singer, Paul (2002), *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

RESUMOS

A Economia Solidária (ES) ganha destaque crescente no cenário mundial e suas organizações enfrentam dificuldades relativas a uma gestão que não as afaste de princípios como o igualitarismo e a solidariedade. Ao mesmo tempo, os cursos universitários formam 'administradores' para um 'mercado' individualista que prega valores criadores e aprofundadores da miséria e da competição.

A maioria dos cursos em Administração forma pessoas prontas para reforçar um discurso prescritivo e utilizar as ferramentas importadas das 'melhores' escolas de negócios: preparam para a 'repetição' e não para a invenção (Lazzarato, 2006). São raros os cursos que apresentam aos alunos experiências relativas a iniciativas consideradas 'alternativas' às capitalistas, como as da ES.

Ao apresentamos a Residência Solidária, projeto de extensão realizado em Porto Alegre, Brasil e que englobou a atuação de alunos em iniciativas de ES, não desejamos apenas disseminar a

experiência mas principalmente analisar de forma crítica como projetos desse tipo podem contribuir para o estímulo à invenção de novos mundos possíveis.

ÍNDICE

Palavras-chave: educação, administração, economia solidária, residência solidária

AUTOR

IGOR VINICIUS LIMA VALENTIM

Um dos organizadores do livro *Residência Solidária UFRGS: vivência de universitários com o desenvolvimento de uma tecnologia social*, editado em 2006 pela Ed. da UFRGS, Porto Alegre, Brasil. É atualmente doutorando em Sociologia Económica e das Organizações no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) e membro associado do Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações (SOCIUS), na Universidade Técnica de Lisboa.